

**Carta a um refugiado (excerto “Jornal Público”)**

Amigo,

Ainda hoje, após dois meses, me é difícil descrever a revolta que senti quando estive em Lesbos. Lembro-me como, quando me contaste a tua história, iniciavas as tuas frases com a expressão “imagina que”. Confesso-te, agora, que nunca consegui fazer esse exercício, nem na altura em que conversámos, nem todo este tempo depois. Parece tudo demasiado distante, demasiado surreal. Pensar que, de um momento para o outro, a nossa vida pode mudar e tudo o que até então tínhamos construído fica à mercê de uma viagem de barco que coloca em risco a vida de uma família inteira.

Não consigo imaginar porque, por aleatoriedade da vida, tive a “sorte” de nascer num país seguro, onde não tenho de fugir ao ouvir o som de uma metralhadora e só conheci a guerra através das histórias do meu avó, dos livros, dos filmes ou da televisão.

E, sim, talvez por ser demasiado distante ainda tantas pessoas olhem para o lado quando todos os dias lemos (ou líamos) notícias de dezenas de novas pessoas que chegam diariamente a Lesbos.

Escrevo-te, cumprindo a promessa que te fiz de que não me calaria e ia falar do que vi e senti. Como dizes, por muito pouco que sinta que possa ter feito enquanto estive aí, tamanha é a dimensão da situação, pelo menos já sou mais um que viu, esteve presente e agora tem a missão de, na sua comunidade, relatar o que viveu, mas também sou mais um que se junta à carta que 19 organizações não-governamentais enviaram ao primeiro-ministro da Grécia.

Entre outras coisas, a carta alerta para o facto de, só em Lesbos, mais de 5400 pessoas viverem em tendas e contentores sobrelotados, com acesso desadequado a abrigo, comida, água, meios sanitários, cuidados médicos ou protecção.

PS: Agora é a tua vez de cumprires a promessa. Até breve, numa outra parte do Mundo.

**Afonso Borga**, 7 de Novembro de 2017 (adaptado)

<https://www.publico.pt/2017/11/07/p3/noticia/carta-a-um-refugiado-1828819>